

Liturgia e arquitectura: uma nova arquitectura para um novo projecto litúrgico

JOSÉ MANUEL PEREIRA RIBEIRO GOMES

Escola das Artes (UCP) – Porto

Resumo da tese

O Movimento litúrgico preparou uma reforma que o Concílio Vaticano II consagrou apresentando, o que podemos chamar, um ‘novo projecto litúrgico’. Os documentos do Magistério e os textos de apresentação dos Livros Litúrgicos posteriores continuaram a dar indicações que permitem pensar numa abordagem arquitectural para a ‘construção’ de um verdadeiro espaço litúrgico. Entre os elementos organizadores, ao mesmo tempo lógicos e práticos deste ‘espaço’, poderemos fazer intervir a ‘centralidade’ do altar, e aí ver um elemento decisivo do dispositivo ritual e um elemento ‘verificador’ da *adequação* do conjunto. O altar torna-se um elemento gerador do espaço arquitectónico e pela sua *centralidade focal* exige uma reflexão sobre a sua *estética*. No seu conjunto ele exige uma ‘qualidade de presença’, para além duma simples obra de arte, tornando-se também ‘criador’ de novas *relações* entre todos os fiéis.

Uma abordagem fenomenológica em teoria de arquitectura contemporânea com a ajuda da arquitecturologia baseada na epistemologia (G. Bachelard), na fenomenologia (arquitectura vista como ‘passagem do espaço mental a um espaço verdadeiro’) e nas ciências da concepção, dá uma dimensão ‘existencial’ à arquitectura e permite estabelecer critérios para uma análise arquitectural, sobretudo para a arquitectura religiosa, onde, entre outros, se coloca o problema da conveniência

e da justeza em relação à lógica do culto. Esta abordagem permite ainda colocar ao trabalho a noção de *génie du lieu*, onde o espaço se torna um ‘conjunto’ de ‘significações’. É a partir daqui que poderemos tentar delinear a especificidade do *génie chrétien du lieu*.

O edifício-igreja conserva, desde as origens, uma dimensão de acolhimento e de hospitalidade própria às casas de cada um, o que permite defini-lo como uma verdadeira ‘igreja-casa’. Este caminho arquitectural mostra-se um dos melhores para responder às exigências conciliares. Podemos também pensar que ele forma, do mesmo modo, uma resposta satisfatória às exigências do homem moderno, permitindo fugir tanto à solução da ‘igreja-monumento’ como do ‘espaço’ simplesmente anónimo. O conjunto desta reflexão permite delimitar os contornos duma abordagem reflectida sobre a arquitectura religiosa.

O percurso pela obra do arquitecto Jean Cosse, mostra que o princípio da igreja-casa é a melhor solução adaptada aos problemas postos hoje na construção das igrejas, nas suas exigências e diversidades.

Palavras-Chave da tese

- Gaston BACHELARD, Martin HEIDEGGER, Christian NORBERG-SCHULZ, Frédéric DEBUYST, Jean COSSE.
- Organização litúrgica; antropologia; arquitectura (religiosa); arte (sacra); altar; assembleia; edifício-igreja; beleza; minimalismo; igreja-casa; espaço (arquitectural, organização); estética; funcionalismo; *genius loci*; gesto; habitar; hospitalidade; interior/exterior; lugar cristão; casa; monumental; participação; olhar; rito; simplicidade; terceira força.

O desenvolvimento da tese

Na introdução faz-se uma breve análise da reorganização e da construção de igrejas, realizadas nos últimos tempos, onde se verifica uma ‘desconexão’ entre as dimensões profundas do mistério litúrgico e a maneira demasiado funcional ou, ao contrário, demasiado metafórica ou simbólica. Pusemos como hipótese que o caminho de vitalidade da arquitectura religiosa seria o da busca duma síntese das artes associando o liturgista, o arquitecto, o engenheiro e o artista. Esta síntese será a chave do que designamos por real *poesia* da construção para além dum programa para construir uma igreja.

A refontalização da liturgia dá-nos uma imagem duma liturgia como acção onde é necessário encontrar o sentido das formas, dos gestos e das palavras litúrgi-

cas, deixar os próprios sacramentos ‘falarem’, rever a nossa expressão corporal da fé. Esta liturgia que celebramos numa igreja de pedra deve ser a expressão da *igreja-assembleia*: é porque a assembleia é a casa de Deus que o edifício o é por sua vez.

No **primeiro capítulo** – «Um novo projecto litúrgico» – caracterizámos este projecto delineando uma teologia litúrgica que a Igreja nos oferece continuamente à reflexão.

O Concílio Vaticano II é o ponto de chegada de um longo caminho iniciado no final do século XIX. O Movimento Litúrgico preparou à distância a renovação que o Concílio veio consagrar. Do mesmo modo, o Magistério e os Papas, também eles, marcaram o caminho duma reforma que pouco a pouco se instalou e que o Concílio consagrou de modo efectivo. Deste modo, traçamos, em grandes passadas, a pré-história da Constituição *Sacrosanctum Concilium*¹.

Num segundo tempo analisamos o próprio Concílio Vaticano II: o Concílio articula de maneira feliz ricas perspectivas eclesiológicas com uma concepção renovada do culto divino. Daí tira consequências pastorais nas quais se insere a questão da reorganização e da concepção dos edifícios de culto (consequentemente, a própria construção do lugar de culto). Demonstrámos como se perspectiva uma teologia da arte sacra e do material de culto, que vai muito mais numa certa linha «minimalista», e em que medida esta pode constituir um princípio de orientação para a edificação da «casa dos cristãos» (p. 24)².

No último ponto debruçamo-nos sobre os importantes documentos que foram publicados pelo Magistério para aplicação das directivas do Concílio. Depois foram publicados os Livros Litúrgicos (Missal, Rituais, Liturgia das Horas) com os seus *Praenotanda* (verdadeiros «lugar teológico»)³ e preliminares que deram indicações mais ou menos precisas sobre o desenrolar dos ritos e a sua aplicação. Analisamos em que medida estes comandam uma abordagem arquitectónica para uma precisa «composição» do espaço cerimonial⁴.

O **segundo capítulo** – «O espaço cerimonial e o «*centrum*»» – é o capítulo charneira de toda a tese. A liturgia, enquanto exercício do culto cristão, numa rea-

¹ Analisamos detalhadamente os documentos «*Mediator Dei*» (p.7), o «*Ordo Sabbati Sancti instaurati*» (p.17), o «*Novo Código das rubricas do Missal e do Breviário*» (p.18) e o «*Novo Ritual da Dedicção das Igrejas*» de 1961 (p. 19).

² Num primeiro tempo estudámos o «*aggiornamento*» do Concílio Vaticano II e a sua teologia. Depois definimos os pressupostos para uma «teologia da liturgia» (p.32). Em seguida analisamos a *Sacrosanctum Concilium* e o seu *Sitz im Leben*. Em detalhe analisamos o capítulo VII: «*De arte sacra deque sacra suppellectile*» (p. 41).

³ Cf. p. 97s.

⁴ Analisámos os seguintes documentos: *Inter Oecumenici*, nomeadamente o capítulo V – «Como construir as igrejas e altares para obter a participações dos fiéis» (p. 55) ; *Musicam sacram* (p. 64) ; *Eucharisticum mysterium* (p. 65); *Liturgicae instaurationes* (p. 69); *Directorium de Missis cum pueris* (p. 71); *L'Ordo missae et L'Institutio generalis missalis Romani* (com as «*Variationes inducendae*» da edição de 2000) (p. 72); *Liturgia Horarum* (p. 83) ; *Codex Iuris Canonici* (p. 84) ; *Caeremoniale Episcoporum* (p. 89) ; *Varietates legitimae: De liturgia romana et inculcatione* (p. 92); *Para a correcta aplicação da Constituição sobre a Santa Liturgia* – 28 de Março de 2001 (p. 94).

lização ritual e sacramental «concerne e esclarece-se ‘no próprio acto da fé’ enquanto movimento, atitude, deslocação de si e da imagem de si». Deste modo necessita dum «espaço de com-posição», o Lugar cerimonial entra no «jogo» da disposição e composição; tendo como *centrum* o altar, que permite testar estes princípios como elemento decisivo do dispositivo ritual. Fizemo-lo de imediato, como escolha metodológica, testando assim, num primeiro tempo, o grau da nossa abordagem. Vimos, deste modo, em que medida o novo projecto litúrgico, apresentado anteriormente, tem em conta todos estes elementos no momento de fazer uma escolha arquitectural.

Delimitamos o horizonte conceptual no qual se define a acção litúrgica (rito apresentado como um «programa» que determina um verdadeiro espaço onde os dados entram *em composição*) e consequentemente o espaço litúrgico. Assim fizemos o balanço de todos os elementos que postos em composição permitem falar duma «arte de celebrar» (cf. p.101)⁵.

O estudo da «acção litúrgica» é abordado como «dom do lugar» numa concepção fundamentalmente «invitatorial» que tem toda a liturgia. A *statio* ritual implica a nossa capacidade perceptiva, e esta abordagem pode ser dita de lógica e a sua realização efectiva é *sempre* materializada num «lugar físico» a *três dimensões*. Os próprios Rituais, no momento de gerirem as sequências cerimoniais, multiplicam as acções, que podemos chamar de «topogénicas», destinadas a compor o espaço, a instituir o lugar.

Não poderemos esquecer nunca que celebrante, ministros e fiéis se encontram numa relação que podemos chamar de «externalidade» da comunicação. Daí que há que considerar uma «economia postural» onde entram dois elementos importantes: a *consideratio* e a *solemnitas*, sendo esta última ocasião de verificação tangível da constituição do Sítio cerimonial.

Um terceiro aspecto é considerado – a relação focalização/desfocalização ou o regime do olhar. «Estar em presença» supõe uma disponibilidade perceptiva global aos acontecimentos «epifânicos» que se vão produzir durante a celebração. Um outro elemento se vem juntar a este: o «tempo operativo» ou a dimensão do tempo.

Todas estas dimensões enraízam legitimamente (teologicamente, antropologicamente e liturgicamente, entre outras) a questão da «arte de celebrar» que faz redescobrir a estética do *aptum*, do congruente e do conveniente. Esta estética é governada pela *moderatio*, quer dizer, a arte de medir, de dosear, aquilo que em si não é calculável – um passo, um gesto da mão, a relação entre um objecto e a sua materialidade (p. 110s).

⁵ Resumidamente, a «cena ritual» coloca em relação – *acções gestuais*, – um «dispositivo ecológico», – *objectos funcionais, simbólicos, indiciais*, – *actos de linguagem*, integrando um «*site illocutoire*», – *protagonistas, com diferentes funções*.

O Segundo ponto deste capítulo é sobre o altar⁶.

Segundo os textos conciliares e os documentos que se seguiram, e que dizem respeito ao altar, este aparece no dispositivo cerimonial, como o ponto central e o «eixo» da comunidade que celebra. A partir dele todos os outros elementos (tanto os diversos dispositivos, como os diferentes espaços) deverão ser pensados. Verdadeiramente a Mesa do Senhor, ele torna-se um elemento gerador do espaço arquitectónico. A sua «centralidade focal» – o *centrum* – dá-lhe a primeira importância de tal modo que a sua implantação é exigente, do mesmo modo que é exigida uma reflexão séria sobre a sua estética» (p. 113s).

Este estudo inicia-se com a análise teológica do altar e a sua «dedicácia», para isso impôs-se uma análise detalhada do Ritual da «dedicação do Altar» (p. 113). Assim se pode falar da «mesa da refeição» que o Rito reclama. Aí se vê que é a partir do altar, mesmo se ele não define toda a igreja, que todo o resto se organiza e encontra (ou não) o seu clima próprio, pois é ele o coração vivo da igreja ao mesmo tempo que ele diz a hospitalidade de Deus, a sua doçura, e a força do desejo que ele suscita. A mesa da refeição do Senhor é, pois, «memorial, de presença e de anúncio».

Nesta perspectiva podemos distinguir dois níveis de abordagem duma fenomenologia do lugar onde está inserido o altar: – a centralidade do altar quanto à reunião eucarística (Missa); e – a extensão lógica e prática desta centralidade (polaridade) a todo o edifício. Descobriremos, pois, que o altar reclama um «novo tipo de presença», marcada pelo mistério *peçoal* de Cristo, e que ultrapassa a simples funcionalidade, do mesmo modo que exclui toda a monumentalidade ou ainda a «arte de mesa» puramente ornamental e decorativa.

Indicamos uma outra linha de equilíbrio que vem da fenomenologia da vida quotidiana que se impõe no habitat de hoje. As casas que habitamos são, na maioria das vezes, tocadas por uma «graça de hospitalidade» e da convivialidade que se concretiza à volta da mesa.

É nesta linha que apresentamos as características duma «qualidade de presença» que exige o altar. A dificuldade está em tentar traduzir esta qualidade numa forma concreta. Exclui-se, entre outras, as *dimensões* excessivas. O altar ganhará mais se ganhar em profundidade, tomar uma forma mais próxima do cubo e, no plano expressivo, passar, se assim se pode dizer, de *antependium* a *'circumpendium'*. Ele deverá «florir» no coração do espaço eclesial numa economia de «festa íntima». Estas qualidades do altar farão dele não *uma* obra de arte mas sim «a obra de arte».

É nesta linha que o altar é gerador dum «mundo de relações», uma «totalidade viva e complexa», longe dum «face a face» puramente *frontal*, com a rigidez que

⁶ Este texto já foi publicado em português. GOMES, José Manuel Pereira Ribeiro, «O Altar – definição, concepção, ornamentação» in *Museu* (Publicação do Círculo Dr. José de Figueiredo – Museu Soares dos Reis) IV Série, nº 13, 2004, p.181-223.

isso comporta. Assim o presbyterium tomará a forma dum espaço de dilatação do altar, onde o triângulo - altar, presidência, ambão⁷ - faz parte do mundo de relações que há que considerar para o resultado mesmo da «qualidade de presença» do altar.

No final do capítulo – *Em direcção a uma nova síntese?* – apresentamos todas as consequências teológico-pastorais do exposto de forma a apresentar as verdadeiras qualidades da *domus ecclesiae* e os diferentes tipos arquitecturais (p. 148s).

O terceiro capítulo analisa as – *Novas ideias em arquitectura* – começando por uma abordagem fenomenológica em teoria da arquitectura contemporânea. A nova disciplina de arquitecturologia reclama-se de três abordagens⁸: um primeiro fundamento encontra-se na epistemologia, e mais concretamente, no pensamento de Gaston Bachelard; um segundo advém da abordagem fenomenológica (a definição de arquitectura como «passagem do espaço mental ao espaço verdadeiro»); o terceiro caminho deverá buscar-se nas ciências da concepção. O arquitecto Christian Norberg-Schulz, nas suas obras escritas, aparece como um dos primeiros a estabelecer, duma maneira sistemática, uma abordagem fenomenológica (com um enraizamento profundo no real), abrindo o caminho da arquitecturologia. O considerar o homem no seu «sítio – lugar» e seu espaço envolvente (natural ou construído) torna-se o ponto de partida, que permitirá estabelecer um conjunto de critérios (conceitos) para uma análise arquitectural. Este sistema torna-se ainda mais pertinente quando se trata de arquitectura religiosa, onde, entre outros, se encontra um problema de conveniência e de precisão em relação à lógica do culto.

Assim começamos com uma abordagem «existencial» da arquitectura onde o sistema definido permitirá ver que esta não é uma questão de bom ou mau gosto que se tem ou não, mas um sistema de comunicação e, como tal, objecto de ciência e meio de acção. Consequentemente vimos que os lugares, os percursos e os «domínios» são elementos constitutivos do espaço existencial. Nesta linha esboçamos (no ponto 2) «um discurso «gramatical» para análise: a articulação das formas» (p. 169) e apresentamos a teoria de Christian Norberg-Schulz articulada em dois aspectos: – a tarefa da construção e – a forma. Os outros elementos do método deste autor são apresentados em anexo (V – p. 597s).

Para concretizar esta análise numa abordagem complementar apresentamos no ponto três do capítulo «A semiótica e a arquitectura – o espaço proxémico: E. T. Hall» (p. 184). A abordagem teórica de Norberg-Schulz, que apresentámos, introduz o conceito fundamental de «espaço existencial» onde o homem aparece como «elemento organizador». Na dimensão social da sua existência, o homem estabele-

⁷ Este «Triângulo» foi nosso tema de estudo no trabalho de Mestrado: PEREIRA RIBEIRO José Manuel, *Liturgie et Architecture: l'aménagement de l'espace liturgique*, Paris, Institut Catholique, I.S.L., Mémoire de Maîtrise, 1992.

⁸ Cf. Dominique RAYNAUD – *Architectures comparées*. – Marseille: Parenthèses, 1998, 7. Para este, a arquitecturologia constitui um terceiro grau do pensamento arquitectural, centrado no estudo dos processos de concepção.

ce sistemas de ligação e de troca, seja através de formas verbais quer seja por formas não verbais. Um e outros são a ter em conta como meios de expressão humana aliados a uma gestão espacial e temporal que varia segundo as culturas e que marcam, muitas vezes, a originalidade. Deste modo, a interacção social é inseparável duma economia «culturalizada» e «culturalisante» das relações inter-indivíduos no espaço (p. 184). Ambas as abordagens realizadas nos ajudam a perceber a diversidade arquitectónica que é exigida pois o homem faz uma utilização do espaço enquanto produto cultural específico. Esta interacção permanente entre os homens e entre o homem e o espaço é mais contundente na assembleia cristã. Daí que a proxémica e a organização espacial nos leve a definir diversos níveis, a lidar com precaução enquanto princípios metodológicos: *infracultural*, *pré-cultural* e *microcultural*; assim como os diversos tipos de espaço (com organização fixa, semi-fixa, informal) e «distâncias» no homem. Considerados todos estes elementos podemos articular um discurso sobre o «dinamismo do espaço» (p. 194).

No segundo ponto deste capítulo abordamos o «genius loci» (p. 196). A abordagem teórica de Norberg-Schulz colocou ao trabalho a noção de «espaço existencial», mas podemos pensar que esta noção não foi tratada num primeiro tempo dum modo suficientemente profundo. Por outro lado, Norberg-Schulz retoma este mesmo conceito mas numa abordagem, desta vez, mais fenomenológica: a noção de «genius loci». Nesta, os dados da análise proxémica do espaço segundo E. T. Hall está também presente, como indicámos. Norberg-Schulz propõe uma fenomenologia da arquitectura que se ocupa dos lugares onde os elementos naturais e artificiais estão «dispostos» de tal modo que eles formam uma verdadeira síntese.

Esta análise passa pelo estudo da «existência e o lugar» (p. 198) na busca da *estrutura* dos lugares que nos levam ao conceito de «carácter», sendo este determinado pelo *modo* de como as coisas estão dispostas. O espaço concreto apresenta, assim, as seguintes propriedades: centralização, direcção e ritmo. O conceito de «carácter» é mais geral do que o de «espaço» – um papel importante é dado ao modo de presença da *luz* (natural ou artificial).

Um percurso foi feito de tal modo que podemos falar de «espírito do lugar» (p. 206) para precisar o que significa habitar. Assim, a arquitectura passa a pertencer à poesia, o seu fim é de ajudar o homem a habitar; o seu acto de base será o de compreender a *vocação* do lugar. Um estudo detalhado é feito sobre o «lugar natural» e a sua estrutura, o lugar artificial e a respectiva estrutura (onde é fundamental a sua possibilidade de «abertura»). Desta forma podemos abordar objectivamente «o lugar e a sua significação» (p. 221).

Na nossa investigação, que visa definir a *implantação* da casa dos cristãos – a igreja, estamos diante duma comunidade de valores que transcende a materialização dum espaço, construído ou não, mas que, mesmo assim, busca uma unidade com a Criação, que já é ela-mesma o ponto de chegada duma Vontade de partilha

de Deus com os homens. Nós buscámos as vias que podem ajudar os homens de hoje a encontrar o «seu» espaço, onde poderão ser «reunidas» todas as *significações* que permitirão a atitude de louvor que o homem é constantemente convidado a fazer, sobretudo pela celebração do Memorial da Ceia.

No **quarto capítulo - Uma via: a «igreja-casa»** – apresentamos, de modo sistemático, uma das vias que, segundo nós, corresponde melhor aos princípios que fomos elaborando: a «igreja-casa».

Vimos que a abordagem fenomenológica da arquitectura, tal como a propõe Norberg-Schulz (passando pela constituição dum «discurso gramatical»), colocou ao trabalho a noção de «espaço existencial», para chegar à noção de «*génie du lieu*», onde o espaço se torna uma «reunião» de «significações». Frédéric Debuyst vai, por seu lado, fazer uma aplicação directa dos princípios de Norberg-Schulz, para tentar, num primeiro tempo, definir o «*génie chrétien du lieu*».

Para melhor compreender a realidade do «*génie du lieu*» será necessário descrevê-lo em termos concretos e quase pessoais. Estes lugares têm «carácter» e expiram um «clima de unidade» seduzindo-nos e impondo-se. F. Debuyst constitui um princípio analítico de *óptica viva* para abordar os «*génies du lieu*»; os «incunáveis» da arquitectura religiosa contemporânea⁹. Depois debruça-se sobre o «*génie du lieu*» romano e a inserção cristã. As igrejas cristãs vão constituir novos «sub-conjuntos» orientados, fechados, marcados por um grande espaço interior; uma espécie de *desdobramento de interioridade* (p. 237), com uma coerência intrínseca que pôde nascer e expandir o mistério cristão do lugar.

Mais uma vez o valor do «centro» se impõe. O regresso às fontes (arquitectura paleocristã) mostra que a reforma litúrgica do Vaticano II pede de novo a instituição do «lugar de Cristo» no meio da assembleia. Arquitectos como Rudolf Schwarz com Romano Guardini tiveram a possibilidade de, em 1929, concretizar estes princípios na reorganização da sala dos cavaleiros no castelo de Rothenfels-sur-le-Main. O arquitecto Ottokar Uhl seguirá este exemplo e no colégio beneditino de Melk (Áustria), em 1966, proporá uma modificação sensível na «forma» da assembleia. O arquitecto Emil Steffann coloca sempre a tónica sobre a assembleia envolvente, a única que permite reencontrar a imagem eucarística da «comunidade de banquete».

O tema da centralidade manifesta-se como o coração e alma do «*génie chrétien du lieu*», onde uma hospitalidade viva é oferecida ao mistério vivo da liturgia.

Demonstramos que depois dos anos 30, sobretudo na Alemanha, encontramos um certo número de igrejas modernas onde está de novo presente esta «complexidade viva» (revisitada) das origens.

⁹ Para F. Debuyst os *incunáveis* da arquitectura religiosa contemporânea são: – A «quinta-igreja» de Boust (Lorraine, arquitecto Emil Steffann) e – um conjunto de 63 casas com pátio em Helsingør (Copenhaga, arquitecto Jørn Utzon).

Os primeiros cristãos, para realizar o mandato do Senhor de celebrar os «mistérios», procuraram espaços suficientemente adaptados ao acolhimento de toda a comunidade. Rapidamente este espaço tornar-se-á um «espaço reservado». Desde que as condições (sociais e políticas, entre outras) o permitiram, eles reorganizaram estes espaços (ver casas) reservando-os unicamente ao culto e à vida da comunidade. Contudo, eles guardaram esta dimensão de acolhimento e de hospitalidade próprias às casas de cada um, o que permite falar de verdadeiras «igrejas-casas». Buscámos as fontes, encontrámos as características da igreja-casa primitiva, estudámos um caso típico – *Doura-Europos*, as igrejas em Roma e a igreja-casa depois da paz da Igreja.

O percurso histórico tal como é proposto por Norberg-Schulz (apresentado no Anexo IV, p. 578), pareceu-nos suficiente. F. Debuyst faz também uma análise da arquitectura religiosa contemporânea, sem perder de vista a perspectiva geral das origens da Igreja, para mostrar com a «igreja-casa» é a melhor via arquitectural para responder às exigências conciliares que já expusemos (p. 273). Delineámos dois tipos de arquitectura (analítica e orgânica) e como estão presentes nas vias da arquitectura religiosa contemporânea às portas do Concílio Vaticano II.

Um terceiro ponto deste capítulo é dedicado a Frédéric Debuyst e à sua teoria da igreja-casa (p. 284). Este monge beneditino mostrou como é que a arquitectura religiosa responde ao «modus vivendi» do homem em cada momento histórico. As vias podem ser múltiplas, contudo, parece claro que alguns «princípios» são a considerar (quer sejam da tradição ou sejam duma verdadeira recriação ou inovação) para que estes espaços sejam a expressão, a mais adequada, da comunidade dos filhos de Deus reunidos para dar graças. Segundo o autor, o «modelo» da igreja-casa responde de maneira conveniente às aspirações do homem moderno e ao novo projecto litúrgico (post-conciliar).

Com alguns exemplos (na Alemanha, Bélgica, França e nos Países Nórdicos) o autor apresenta concretizações arquitecturais que buscam, o que ela chama de «terceira força»¹⁰.

Fomos, assim levados ao estudo de uma «visão sociológica do habitat urbano» (p. 306), fazendo uma fenomenologia do habitat e suas consequências na relação «interior-exterior» (considerando o actual problema da «mobilidade» das pessoas); para chegarmos à caracterização da sociabilidade dos grupos cristãos (p. 328). Deste modo delineámos algumas «estratégias pastorais de implementação».

O percurso realizado conduziu-nos a fazer da «igreja-casa» uma espécie de imagem privilegiada da arquitectura religiosa, mas é importante descobrir as adaptações possíveis sem se deixar influenciar pelo que ela poderia oferecer de limitado

¹⁰ A busca duma «terceira força», quer dizer dum tipo de igreja que nos permita escapar tanto da igreja-monumento e ao «local» puramente anónimo, apresenta todo um conjunto de soluções possíveis.

ou exageradamente intimista. Este tipo de igreja permite-nos escapar, ao mesmo tempo, à igreja-monumento e ao «local» puramente anónimo. Parece-nos, pois, que será necessário buscar as soluções possíveis nos próprios limites deste tipo de igreja, sabendo que a diversidade é certamente bastante larga.

As condições da vida do homem moderno (logo, também válidas para os fiéis) influenciam as tendências arquitecturais e vice-versa. Isto é um convite a ter uma atenção constante às escolhas a fazer no momento de construir uma igreja: que imagem queremos dar da Igreja (inclusive quando o edifício está vazio), a escolha do arquitecto, que modelo arquitectural escolher (edifício unifuncional ou pluri-funcional?). Entre outras, estas questões parecem-nos mais pertinentes.

Daí que tentámos analisar as tendências da arquitectura em contexto moderno (p. 340). O problema da pobreza (sobriedade – problema da ostentação) e da flexibilidade (polivalência dos espaços).

Apresentámos a perspectiva de Edward A. Sövik sobre a arquitectura religiosa, porque, tendo a particularidade de ter sido escrita por um arquitecto, o seu pensamento parece-nos útil em razão do seu carácter sistemático (p. 342).

Fizemos, deste modo uma «avaliação e orientação» de modo a encontrar algumas respostas a questões pertinentes: a escolha do arquitecto e o problema da igreja «vazia».

Para terminar este capítulo debruçamo-nos sobre uma questão que começou a aflorar no final do século XX: «O regresso ao monumental?».

No final dos anos 80 e sobretudo em França, depois do projecto para a construção da catedral de Evry (de Mário Botta¹¹), instaurou-se uma polémica sobre o «regresso ao monumental» na arquitectura religiosa. Esta querela retoma elementos já debatidos nos anos 60. No início deste século, esta «monumentalidade» da arquitectura religiosa continua a ser uma tentação para muitos. Nós colocamos a seguinte hipótese: a monumentalidade deverá estar presente; mas como deverá ser ela entendida? Tal foi o nosso propósito (p.360). Para isso começámos por uma abordagem sociológica, arquitectónica (ouvindo arquitectos actuais com obras já construídas neste campo) e definindo como situar a questão eclesialmente.

O último capítulo – A concretização dos princípios enunciados. Uma obra: Jean Cosse – apresenta a obra do arquitecto Jean Cosse (belga).

Nós defendemos que o princípio da igreja-casa é para nós a solução mais adaptada aos problemas hoje colocados na construção das igrejas. É possível que isto não faça unanimidade (o que se compreende), contudo, parece-nos que esta via, mais do que outras, já foi suficientemente reflectida e que bons exemplos podem ser evocados para justificar a sua validade.

¹¹ Entre nós poderíamos colocar a mesma questão em relação à nova catedral de Bragança (de Vassalo Rosa).

Para mostrar isso mesmo escolhemos a obra do arquitecto Jean Cosse. Uma boa vintena de igrejas construídas mostram-nos como, em cada caso e diante duma multitude de situações e exigências comunitárias muito diferentes, ele encontrou para cada caso «a solução» que na sua utilização e com o tempo, se mostram duma conveniência surpreendente.

Escolhemos, num primeiro tempo, as que integram o modelo geral da igreja-casa e depois as que, na mesma linha, apresentam um aspecto particular do modelo¹². (Volume II, p. 381)

Depois de apresentarmos o pensamento do arquitecto¹³ apresentamos e analisamos detalhadamente quatro igrejas: igreja de S. Paulo (Waterloo, 1968); o mosteiro de S. André (Clerlande, 1971), a igreja de S. Francisco de Assis (Louvain-La-Neuve, 1975) e a igreja de Santa Clara (Cergy-Vauréal, 1993).

Se estas igrejas que apresentamos parecem conformar-se ao modelo geral da igreja-casa, o conjunto da obra deste arquitecto prolonga-se numa multitude de trabalhos onde a presença do modelo é sempre constatável, mas encontra-se adaptado a cada circunstância precisa. Estes trabalhos vão da construção, até à adaptação, reorganização e reconstrução. Tentamos fazer aparecer as características do modelo da igreja-casa (sem impôr uma ordem de prioridade) tendo em conta as outras obras do arquitecto, que apresentámos sob a forma de fichas, depois de estabelecer uma grelha de análise. Para isso delineámos as «escolhas arquitecturais» de Jean Cosse (p.451): – a inserção *in situ*, – a imagem exterior, – a organização interior (características), – a entrada (o adro), – o altar, – o ambão, – o princípio arquitectural, – a igreja-casa e as igrejas antigas, – a dimensão escatológica (espaço de glória), e – os elementos decorativos.

Depois da conclusão a tese apresenta a bibliografia dividida em Fontes e Estudos. Estes últimos divididos em três campos: – Estudos gerais (Dicionários, Revistas), – Arquitectura religiosa: «arte sacra», decoração, programa iconográfico, etc., – Arquitectura geral (pintura, património, arte...). O conjunto perfaz 27 páginas.

São apresentados cinco anexos: I Uma leitura dos outros Rituais, II *Enchiridium*, III O ensinamento dos Papas e os Documentos do Magistério sobre arte sacra, IV Percurso histórico da arquitectura segundo Christian Norberg-Schulz, V Um discurso «gramatical» para a análise arquitectural (Teoria de Norberg-Schulz).

Apresentamos um *Índex rerum*, Índice de Nomes e Lugares, Índice das fotos, planos e esquemas, e o respectivo Índice geral.

¹² De salientar que não pretendemos fazer nenhuma monografia da obra do arquitecto.

¹³ Acrescentemos que Jean Cosse fala muito pouco diante das suas obras e escreveu relativamente pouco. Ele foi professor em Louvain-La-Neuve e a sua obra tem sido objecto de vários estudos, sobretudo, na área da engenharia (neste campo é inovador a criação original do muro auto-estável).